

Notas para argonautas

Mariana Ruggieri *

*She learned a few more little
ways of being in being gay.*

Gertrude Stein

Where's the mothers?

Eileen Myles

*You've written about all parts of your life except this, except the queer part, you said.
Give me a break, I said back. I haven't written about it yet.¹*

Não sei muito bem por onde começar esse texto em que devo responder a uma chamada de publicação para um dossiê especial de literatura lésbica. Tenho minhas dúvidas porque preciso começar dizendo que a palavra lésbica sempre me pareceu muito estranha. Deixando de lado, por ora, a questão da identidade, gostaria de me ater à sonoridade dessa palavra. É que ela parece originar-se no mesmo universo que permite palavras como bigato ou lampreia, embora essas também me soem melhor do que lésbica. No jantar da família, informar a todos solenemente: preciso contar para vocês – eu na verdade sou lampreia. *Lesbian* tem outra sonoridade e, muito mais do que o nosso triste sufixo *ica*, que consolida vizinhança proparoxitonalmente com termos como caquética, mas também benéfica; *lesbian*, assim como *lesbiana*, aponta para alguma relação com uma geografia, com um modo de vida, ainda que imaginários. Mesmo assim, afirmar ser da Ilha de Lesbos, uma outra, não aquela no Mar Egeu, me parece muito distante da realidade das minhas idas ocasionais à praia.

De sapato eu gosto. Meus sapatos são todos de cano alto e grandes. Eles cabem em mim.

Se eu fosse começar esse texto de novo, diria que a literatura lésbica existe desde que foi decidido que lésbica seria o termo corrente para o qual maiores explicações não seriam necessárias. Isto é, se a Ilha de Lesbos, deslocada no espaço e no tempo, prestou-se à morada dessas pessoas a quem nomeamos de lésbicas, foi por meio de alguns poucos fragmentos de poesia lírica de uma mulher, Safo, sobre quem sabemos muito pouco e quem, ocasionalmente, escreveu desde uma perspectiva homoafetiva. O referente instável da literatura percorre os séculos para vir fundar o referente instável do ser lésbica, o que sugere que dizer-se lésbica ou dizer da outra que é lésbica já envolve em grande medida algo da ordem da literatura. A história da chegada desses fragmentos até nós, no entanto, é principalmente a história de sua

* Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo.

Contato: ruggieri.mari@gmail.com

recepção – entre a genialidade que subtrai qualquer marca de homoafetividade (inclusive traduções que heterossexualizam alguns de seus versos) e o reconhecimento dessas marcas com o fim exclusivo de depreciar a obra. A literatura lésbica, nesse sentido, em grande medida, parece ganhar vida também por um modo de leitura que reconhece a existência de relações homoafetivas entre mulheres ou entre pessoas que não se identificam necessariamente como mulheres, mas tampouco foram designadas como homens ao nascerem. Me parece que propor algo como a existência de uma literatura lésbica passa necessariamente pela história desse modo de leitura.

Maggie Nelson, em *The Argonauts*, de 2015, livro dedicado a explorar a parte ainda não mencionada da sua vida, isto é, a parte queer, busca articular esses modos de leitura e escritura a sua própria experiência, constituindo-se como uma voz que habita um ecossistema de outras vozes, que irrompem, explicam e desestabilizam o percurso do seu texto. Na orelha do livro está escrito que o livro se trata de uma autoteoria, um termo roubado do *Testo Junkie*, de Paul B. Preciado – que por sua vez roubou-o de Stacey Young –, em que Preciado mistura teoria com um diário seu de autoadministração de testosterona, escrito em homenagem a um amigo que morreu de AIDS. A autoteoria de Maggie Nelson se configura mais como um livro de memórias, no qual, deixando-se contaminar ao mesmo tempo em que contamina os textos de Djuna Barnes, Gertrude Stein, Eileen Myles, Adrienne Rich, Audre Lorde, Maya Angelou, Alison Bechdel, Catherine Opie, Paul B. Preciado, Susan Sontag, Sarah Ahmed, Judith Butler, Monique Wittig e Eve Sedgwick entre outras e outros, conta a história de seu amor por Harry, uma pessoa de gênero fluido, mas *who is happy to identify as a butch on T²*, no momento em que ele passa por uma mastectomia e ela vê seu corpo transformado pela gravidez. Não sei se Maggie Nelson diria que ela escreve literatura lésbica, tendo passado grande parte do livro esquivando-se cautelosamente de qualquer auto-identificação, mas ela com certeza compreenderia a sua existência nessa peculiar árvore genealógica. *One of the most annoying things about hearing the refrain “same-sex marriage” over and over again is that I don’t know many –if any – queers who think of their desire’s main feature as being “same-sex.” It’s true that a lot of lesbian sex writing from the ’70s was about being turned on, and even politically transformed, by an encounter with sameness. This encounter was, is, can be, important, as it has to do with seeing reflected that which has been reviled, with exchanging alienation or internalized revulsion for desire and care. To devote yourself to someone else’s pussy can be a means of devoting yourself to your own. But whatever sameness I’ve noted in my relationships with women is not the sameness of Woman, and certainly not the sameness of parts. Rather, it is the shared, crushing understanding of what it means to live in a patriarchy.*³

Quando eu lia *The Argonauts* eu pensava que eu gostava da Maggie Nelson porque ela sempre considerava algum outro lado, isto é, se dispunha a sustentar a tensão entre a necessidade de uma identidade para sobreviver em um mundo quadriculado por leis, onde um nome importa, e a impossibilidade constitutiva desta mesma identidade, porque não passamos todas as horas do nosso dia conscientes de nossa sexualidade ou do nosso gênero. Li uma entrevista em que ela conta que adora dar aulas porque aprende muito com os alunos e que um dia, eles explicando o

espectro da assexualidade, ela os provocando com Foucault, perguntando a eles o que seria exatamente uma sexualidade, *one of my students said something really beautiful. She said, "I think that labeling yourself has its bad parts, but it's also a way not to feel broken."* And I thought: *that is kind of the perfect way of saying it.*⁴ Esse é um gesto comum em Maggie Nelson: a palavra final geralmente não é da teoria, pelo menos não de uma teoria que não tenha sido tensionada pelo teste de um corpo não-genérico, isto é, pelas corporificações particulares dessas teorias que, afinal, são vivas. É evidente que Nelson está muito mais próxima à teoria queer e ao tensionamento de categorias taxonômicas, mas o faz por meio da escuta de outras histórias, outros corpos – não se trata de questionar as operações de nomeações por meio da proposição de uma indistinção a priori. Quando sugere uma comparação entre gênero e cor, ambos indeterminados ontologicamente – um objeto não é exatamente uma cor, assim como ele não tem exatamente uma cor – ela complementa com uma importante ressalva: *but none of these formulations means that the object in question is colorless*⁵ (o que é exatamente o que está em jogo quando se criticam formulações como All Lives Matter, embora aqui neste momento em particular Nelson não esteja pensando em termos raciais). E é por isso que ela é também capaz de se posicionar com segurança diante dos ataques previsíveis à noção de identidade, principalmente daqueles que surgem dos nossos colegas de profissão no momento em que a lógica do exemplo departe de uma suposta universalidade ou neutralidade filosófica ou sociológica para tornar o corpo ali falante parte do exemplo: *calling the speaker identitarian then serves as an efficient excuse not to listen to her, in which case the listener can resume his role as speaker. And then we can scamper off to yet another conference with a keynote by Jacques Rancière, Alain Badiou, Slavoj Žižek, at which we can meditate on Self and Other, grapple with radical difference, exalt the decisiveness of the Two, and shame the unsophisticated identitarians, all at the feet of yet another great white man pontificating from the podium, just as we've done for centuries.*⁶

Maggie Nelson escreve, o que quer dizer também que eu escrevo, em um momento peculiar daquilo que podemos chamar da história lgbtq+, que, se por um lado, está ainda sempre por fazer, com inúmeras lacunas, ocasionado tanto pelo segredo de quem o viveu quanto pelo apagamento sistemático das suas manifestações, nunca produziu tanto acerca de si mesma, tanto assim que parece hoje constituir-se em algum lugar impreciso entre a subversão e a normatividade. O casamento legalizado em diversos países ocidentais, apesar de poucos tipificarem a homofobia como um crime específico e o eterno retorno da “cura gay”; evangélicos e católicos com pautas lgbtq+; lgbtq+ com reivindicações de direita; o surgimento de termos como *pinkwashing* que buscam descrever incongruências como a do estado de Israel, por exemplo, que se utiliza de suas políticas públicas direcionadas à população lgbtq+ para constituir a imagem de um estado plural, diverso e democrático, como se os direitos lgbtq+ não tivessem nada a ver com os direitos palestinos, ou para empresas que fazem propagandas direcionadas ao público lgbtq+ ao mesmo tempo em que doam dinheiro para as campanhas dos piores políticos, muitos dos quais apoiam os piores tipos de projetos de lei. A hipocrisia, no entanto, também não deixa de ser uma espécie de conquista, ainda que muito insuficiente às próprias vidas lgbtq+, se considerarmos que essas pessoas continuam entre as mais vulneráveis no que diz respeito aos

índices de depressão, suicídio e assassinato, principalmente quando cruzados com outros fatores como raça e classe social, com particular vulnerabilidade da população trans. *If there's one thing homonormativity reveals, it's the troubling fact that you can be victimized and in no way be radical; it happens very often among homosexuals as with every other oppressed minority.*⁷

Convidada a dar uma palestra em uma universidade evangélica sobre arte e violência em 2012, Nelson narra como o caminho do seu desconforto com o convite passa por vários estágios. Primeiro, a informação de que a universidade expulsa seus alunos homossexuais, e que, na verdade, não aceita nenhuma manifestação sexual que não seja respaldada por laços matrimoniais. Depois, uma descoberta mais empolgante: a de que há um grupo de alunos lgbtq+ que protesta as políticas anti-gay da universidade, mas em uma formulação, para Nelson, curiosa: *To clear up this issue, we are in favor of celebrating homosexual behavior in its proper context: marriage... We hold to the already stated standards of Biola that premarital sex is sinful and outside of God's plan for humans and we believe that this standard also applies to homosexuals and other members of the LGBTQ community*⁸. E depois de um longo desvio pela definição ampla de queer proposta e vivida por Eve Sedgwick, ela conclui: *The more I thought about Biola's doctrinal statement, the more I realized that I support private, consensual groups of adults deciding to live together however they please. If this particular cluster of adults doesn't want to have sex outside of "biblical marriage," then whatever. In the end, it was this sentence that kept me up at night: "Inadequate origin models [of the universe] hold that (a) God never directly intervened in creating nature and/or (b) humans share a common physical ancestry with earlier life forms." Our shared ancestry with earlier life forms is sacred to me. I declined the invitation. They booked a "story guru" from Hollywood in my place.*⁹

O limite ético escolhido para a sua tomada de decisão aponta para um nó importante, não é tanto pelo caminho da ciência e da evolução, mas por um apreço a formas compartilhadas de vida em que é possível um deslocamento da família nuclear para a lógica de outros parentescos, questões que se tornam especialmente importante no momento em que Nelson passa a viver com o enteado, filho de Harry, e depois, quando decide, para a sua própria surpresa, engravidar. A gravidez, para quem nunca pensou em ter filhos, e a questão da constituição de uma família, sem, no entanto, reduzir a ela todas as formas de parentesco possíveis, passa a ser um ponto importante para a sua autoteoria queer: *Is there something inherently queer about pregnancy itself, insofar as it profoundly alters one's "normal" state, and occasions a radical intimacy with — and radical alienation from — one's body? How can an experience so profoundly strange and wild and transformative also symbolize or enact the ultimate conformity? Or is this just another disqualification of anything tied too closely to the female animal from the privileged term (in this case, nonconformity, or radicality)? What about the fact that Harry is neither male nor female?*¹⁰

Na terapia conto que estou tentando escrever um texto em que procuro me deixar ser contaminada por uma espécie de autoteoria. Mas digo que hesito diante de algumas considerações acerca da necessidade e da propriedade dessa exposição – propriedade não só no sentido de apropriado para um texto, para este texto, mas principalmente de próprio, da possibilidade de uma experiência me ser própria e queer ao mesmo tempo, genérico-particular-não-universal, e do posicionamento específico, mas não particular, isto é, como se diz, da

orientação do meu corpo no mundo se apresentar, portanto, como um exemplo. Ao mesmo tempo em que há dimensões muito públicas em viver de modo queer, tanto mais quanto forem os hackeamentos operados na apresentação de gênero, muitas tensões – também públicas – giram em torno da pergunta realizada à vida íntima: com quem você se deita? e como? (E lembro aqui do poema de Angélica Freitas: *diz-me com quem te deitas / angélica freitas*). A identidade atribuída em função da sexualidade, sendo essa sexualidade não-normativa, parece tornar vulnerável a própria administração das informações referentes a ela. Há uma tensão pública entre ser forçada a dizer e estar proibida de dizer, ou seja, entre um posicionamento meu que ora deseja manter o direito à ambiguidade, ora deseja questionar os pressupostos que impõem a própria lógica do segredo. Ela me pergunta se eu não posso simplesmente discutir essas questões com o livro da Maggie Nelson. Eu respondo que sim, que eu poderia. A minha resposta – afirmativa, mas modalizada pelo subjuntivo – dá sequência a um longo silêncio, que ela interrompe com uma pergunta, uma provocação talvez previsível: *o que está acontecendo na sua vida íntima que você quer torná-la pública?* Eu provooco de volta, porque a pergunta dela – e a acusação que ela contém – diz respeito exatamente àquilo que estou discutindo: *mas a pergunta também não poderia ser o que está acontecendo na sua vida pública que você precisa expor algo da sua vida íntima?* Pode. Fim do modo subjuntivo. Mas ela insiste, retorna a ele, porque nós, eu e ela, ainda estamos tentando entender: Quem você estaria traindo se você não dissesse? Respondo, sem tanta certeza, não exatamente com essas palavras: *the many-gendered mothers of my heart*.¹¹

Em “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”, a mulher em questão é uma filha levada à Freud pelos pais. Ela é muito clara em dizer que está contente com a sua sexualidade e comunica que o seu desejo terapêutico é um só: o desejo de não ser uma fonte de sofrimento para os pais. Freud, é claro, realizará uma leitura segundo a qual a mulher-filha quer tomar o lugar do pai, como se para reinstaurar a linhagem patrilinear que a mulher-homossexual havia abalado. Sarah Ahmed, no livro *Queer Phenomenology*, discute a questão da orientação sexual dentro de uma compreensão mais ampla da orientação no espaço, principalmente no espaço doméstico, tema que é também abordado em outro livro, *The Promise of Happiness*. Ahmed discute o dom, a dádiva, o presente da heterossexualidade que é passado adiante por meio da família tradicional e nuclear: *so the gift, when given, produces the one who has received the gift as indebted and demands its endless return. Heterosexuality is imagined as the future of the child insofar as heterosexuality is idealized as a social gift and even as the gift of life itself. The gift becomes an inheritance: what is already given or even pre-given. Heterosexuality becomes a social as well as a familial inheritance through the endless requirement that the child repay the debt of life with its life. The child who refuses the gift thus becomes seen as a bad debt, as being ungrateful, as the origin of bad feeling*.¹² A criança queer, ela diz, é objeto de infelicidade para muitos pais. Alguns pais manifestam essa infelicidade de forma peculiar: *não estamos infelizes porque você é queer, estamos infelizes com a sua infelicidade*. O pai está infeliz porque ele pensa que a filha vai ser infeliz sendo lésbica. A mulher no consultório está infeliz porque o pai está infeliz com ela sendo lésbica. E essa sua infelicidade, por sua vez, lida pela ótica do pai, nada mais pode ser do que a confirmação da verdade de sua posição: a filha será infeliz porque é lésbica. *It is because the world is unhappy with queer love that queers become unhappy,*

*because queer love is an unhappiness-cause for the others whom they love, who share their place of residence. It is not that queers feel sad or wretched right from the beginning. Queer unhappiness does not provide us with a beginning. Certain subjects might appear as sad or wretched, or might even become sad or wretched, because they are perceived as lacking what causes happiness, and as causing unhappiness in their lack.*¹³ Esse círculo de infelicidade é o que tornou um romance como *The Well of Lonliness*, de Radclyffe Hall, emblemático e determinante para a produção cultural lésbica de maior circulação, ou seja, não aquela produção menor como zines e ensaios fotográficos produzidos dentro e para comunidades específicas, mas justamente aquela que, ainda que com muita dificuldade, chegou como a narrativa-mestra que informou toda uma autopercepção e projeção sobre meninas e mulheres cuja sexualidade se manifestava de forma dissidente. A tragédia parece ter sido a norma para narrativas desse tipo, pelo menos até o início dos anos 2000, rompida massivamente talvez só com o início do seriado *The L Word* em 2004.

Diante disso, não é exatamente surpreendente que exista dentro da teoria queer uma espécie de rejeição à lógica familiar e o questionamento da criança-conceito, da criança compulsoriamente heterossexual que garante a produção normativa dos meios de reprodução. Lee Edelman chamou isso de *reproductive futurism*. Maggie Nelson, grávida, queer, considera os limites dessa reflexão: *I've heard that, back in the day, Rita Mae Brown once tried to convince fellow lesbians to abandon their children in order to join the movement. But generally speaking, even in the most radical feminist and/or lesbian separatist circles, there have always been children around (Cherrie Moraga, Audre Lorde, Adrienne Rich, Karen Finley, Pussy Riot ... the list could go on and on). Yet rather than fade away with the rise of queer parenthood of all stripes, the tired binary that places femininity, reproduction, and normativity on one side and masculinity, sexuality, and queer resistance on the other has lately reached a kind of apotheosis, often posing as a last, desperate stand against homo- and heteronormativity, both.*¹⁴ Se considerarmos os pronunciamentos do impeachment na câmara dos deputados em maio de 2016, parece óbvio dizer que a ideia de futuro está atrelada a uma criança específica, mas para Nelson isso não quer dizer simplesmente não reproduzir e abrir mão de disputar o futuro *as if all that's left for us to do is sit back and watch while the gratuitously wealthy and greedy shred our economy and our climate and our planet, crowing all the while about how lucky the jealous roaches are to get the crumbs that fall from their banquet.*¹⁵

Sarah Ahmed parece empreender um movimento similar a Edelman, ao propor, ainda que para discutir depois a possibilidade de configurar outros tipos de mesas, que *a revolution of unhappiness might require an unhousing; it would require not legitimating more relationships, more houses, even more tables but delegitimizing the world that "houses" some bodies and not others. The political energy of unhappy queers might depend on not being in house.*¹⁶ A oposição necessária do sujeito queer ao lar, à casa, frequentemente reativa, implica na ausência de conforto. Judith Butler, bastante crítica ao discurso homonormativo que surgiu junto com as demandas pelo casamento homossexual, reconhece no documentário *Paris is Burning*, sobre a cena drag de Nova Iorque no fim dos anos 80, possibilidades alternativas para a ideia de casa e parentesco: *the subversive part of what she documents, for me, is in the "house" structure, when there are "mothers" and "children," and new kinship systems, which do mime older nuclear-family kinship arrangements but also displace them, and radically recontextualize them in a way that constitutes a rethinking of kinship, or that*

turns kinship into a notion of extended community—one whose future forms can't be fully dictated. What is a “house?” A “house” is the people you “walk” with. I love it that that's a house. I think that is a great subversive rearticulation of houseness.¹⁷

Lembro de um verão na casa da minha avó e os canais de tv falavam sobre a morte de Cássia Eller e a batalha judicial pela guarda do Chicão. Faz muito tempo, eu estava ainda entrando na adolescência, mas, pelo menos para mim, era a primeira vez que via algo assim ser abordado como assunto de interesse público, claro, apesar de todo o moralismo, das especulações à respeito das habilidades maternas de Maria Eugênia camufladas em acusações de dependência química, a discussão sobre os problemas da ausência de uma “figura de pai”, apesar de tudo isso, apesar de parecer difícil, no sentido de que tudo parecia ser desenhado para tornar isso difícil, apesar de toda a instabilidade entre tragédia e triunfo, essa outra configuração familiar entrou no meu próprio espaço familiar – mas não lembro das reações – e se configurou como uma possibilidade. Um ano mais tarde Maria Eugênia subiu no palco com Chicão para receber uma homenagem à Cássia Eller, *essa mulher de generosidade tão desmedida que foi embora e me deixou esse filho lindo e deixou, para o filho dela, uma mãe.*

Em seu livro, *Antigone's Claim*, Butler está determinada a questionar a leitura canônica de Antígona, segundo a qual Antígona representa o parentesco e a sua dissolução, contra Creonte, que emerge como a ordem política e ética da figura do estado. *For two questions that the play poses are whether there can be kinship – and by kinship I do not mean the “family” in any specific form – without the support and mediation of the state, and whether there can be the state without the family as its support and mediation. And further, when kinship comes to pose a threat to state authority and the state sets itself in a violent struggle against kinship, can these very terms sustain their independence from one another?¹⁸* Butler propõe ler Antígona como a exposição da contingência da noção de parentesco e a fragilidade de sua oposição ao estado, transgredindo tanto as normas de gênero quanto as regras de parentesco as quais ela supostamente representa. Antígona já é filha de um laço incestuoso e ama incestuosamente seu irmão, que pode também ser seu pai, já que é filho de sua avó, Jocasta, bem como pode ser seu sobrinho, porque o seu pai, Édipo, é também seu irmão. Creonte, por sua vez, representa o estado, mas não estaria lá não fossem os laços de sangue.

As estruturas do parentesco, ela diz, segundo Lévi-Strauss, não podem existir sem a proibição do incesto e é justamente essa proibição que opera a transição da natureza para a cultura; não há nada na biologia que obriga ao tabu do incesto, pelo contrário, o tabu é o mecanismo por meio do qual a biologia é transformada em cultura. A questão para Butler não é realizar uma defesa do incesto, mas demonstrar como o tabu habita o centro da norma, sendo cultivado como o espectro da dissolução social. Isso, no entanto, não é suficiente, *indeed, my question is whether it can also become the basis for a socially survivable aberration of kinship in which the norms that govern legitimate and illegitimate modes of kin association might be more radically redrawn.¹⁹* Antígona realmente coloca em questão a crise do parentesco, mas não exatamente pela leitura já canônica de Hegel (em que o parentesco entra em crise para dar lugar ao estado): quais configurações sociais podem ser reconhecidas como amor legítimo? *We are all supposed to be satisfied with this apparently generous*

*gesture by which the perverse is announced to be essential to the norm. The problem as I see it is that the perverse remains entombed precisely there, as the essential and negative feature of the norm, and the relation between the two remains static, giving way to no rearticulation of the norm itself.*²⁰ Em um momento em que as definições de família parecem tornar-se cada vez mais frágeis, porosas e expansivas, em que a família queer parece ganhar cada vez maiores garantias legais – embora essas conquistas pareçam estar sempre por um fio – Butler lembra que é importante perguntar: *what will the legacy of Oedipus be for those who are formed in these situations, where positions are hardly clear, where the place of the father is dispersed, where the place of the mother is multiply occupied or displaced, where the symbolic in its stasis no longer holds?*²¹

Em 2008 eu matava as aulas sobre James Joyce para ficar lendo *Gender Trouble* – uma amiga o havia emprestado. Um pouco antes disso, com o fim da internet discada, eram os blogs e fóruns que se multiplicavam com vozes de mulheres lésbicas e queer. Foi ali realmente que descobri que éramos milhares, com histórias diferentes e parecidas, mas gravitando de todo modo para essas comunidades virtuais, conversando, perguntando; um contraponto necessário para a explosão da parada, que naquela época ainda se chamava parada gay. Depois, quase que apesar da universidade – embora seja importante mencionar também a importância dos coletivos estudantis (e do time de futebol) –, o interesse em aprender algo sobre a história dessas dissidências sexuais e de gênero, buscar seus arquivos, sua literatura, sua fotografia, seus filmes. Minha rede afetiva não é muito diferente da de Maggie Nelson. No documentário sobre Derrida, perguntam a ele o que ele gostaria de ver em um documentário sobre Heidegger, Kant ou Hegel. Ele responde: algo sobre a vida sexual deles. Embora eu tenha achado interessante o enfoque proposto por Derrida, não consegui me animar com a ideia da vida sexual destes três filósofos. Algum tempo depois, porém, vendo o documentário sobre Susan Sontag, vibrei internamente quando uma ex-namorada, contando sobre uma triangulação amorosa entre ela, Sontag e Irene, que não deixa de ser uma forma alternativa de parentesco, diz: *Irene was her best lover. As I've said to many people: Irene could make a stone come. She was really just incredible.*²²

A questão aqui tem sido o tempo todo, ainda que indiretamente, sobre como escrever a respeito da intersecção entre escrita e existência lésbica/queer, não uma escrita que emana de um “eu” estável, um eu=eu, um eu=sexualidade, um eu=gênero, mas de um corpo posicionado, tanto sujeito quanto sujeito à, e orientado marginalmente nas redes sancionadas dos afetos, um eu que é *neither native nor foreign to me.*²³ É como se a existência queer já fosse de alguma forma indissociável das questões da escrita e da necessidade de inventar e reencenar, citar e deslocar a linguagem. *The Argonauts* tem como destinatário, em grande medida, Harry; uma carta de amor, mas também um pacto de escrita. *When making your butch-buddy film, By Hook or By Crook, you and your cowriter, Silas Howard, decided that the butch characters would call each other “he” and “him,” but in the outer world of grocery stores and authority figures, people would call them “she” and “her.” The point wasn’t that if the outer world were schooled appropriately re: the characters’ preferred pronouns, everything would be right as rain. Because if the outsiders called the characters “he,” it would be a different kind of he. Words change depending on who speaks them; there is no cure. The answer isn’t just to*

*introduce new words (boi, cisgendered, andro-fag) and then set out to reify their meanings (though obviously there is power and pragmatism here). One must also become alert to the multitude of possible uses, possible contexts, the wings with which each word can fly. Like when you whisper, You're just a hole, letting me fill you up. Like when I say husband.*²⁴

Entre o ele e ela existe o você, o dirigir-se a, e também a evocação de uma indeterminação. Mas também coloca a necessidade de uma espécie de negociação em torno de um *dirigir-se* a que surge sempre já multiplicado entre Harry e os destinatários desconhecidos de um texto literário. *How can a book be both a free expression and a negotiation?*²⁵ Quando Harry lê a primeira versão, ele não fica contente: *whatever—why can't you just write something that will bear adequate witness to me, to us, to our happiness?*²⁶ Ele não se reconhece no texto e, além disso, conhece outro Harry, o Harry de Maggie, sob o qual ele não parece ter nenhum poder. Não é possível dizer quanto o texto mudou depois desta conversa, se a escrita depois operou por consenso – um consenso que desse margem para a manutenção dos dissensos no texto –, mas naquele momento a frustração de Nelson passava pela investigação das possibilidades de uma escrita acolhedora, tanto para si quanto para o outro: *because I do not yet understand the relationship between writing and happiness, or writing and holding.*²⁷ No “Queer Nation Manifesto”, do início da década de 1990, a relação com a felicidade também está deslocada: *well, yes, “gay” is great. It has its place. But when a lot of lesbians and gay men wake up in the morning we feel angry and disgusted, not gay. So we've chosen to call ourselves queer.*²⁸ Ou como diziam alguns cartazes da época: *Not Gay as in Happy/Queer as in Fuck you.*²⁹

Mas esse não é exatamente o estilo de Maggie Nelson, ela está interessada nas intermitências, não tanto nas rupturas: *I have long known about madmen and kings; I have long known about feeling real. I have long been lucky enough to feel real, no matter what diminishments or depressions have come my way. And I have long known that the moment of queer pride is a refusal to be shamed by witnessing the other as being ashamed of you.*³⁰ *The Argonauts* não é um manifesto, um texto assertivo, uma prescrição para um modo de existir queer, mas ainda assim as formas de sobrevivência operam sem constrangimento entre as oscilações de sua escrita. Não se trata tanto de felicidade, embora o *gay as in happy* esteja sempre ali no horizonte; trata-se sobretudo de alianças, de mover-se através de uma rede de citações, de constituir e inventar famílias, de poder conter e ser contida pelo outro, ainda que momentaneamente, de produzir uma grande variedade de significados para e a partir da palavra “mãe”. Nelson cita Barthes em *O prazer do texto* duas vezes, *a writer is someone who plays with the body of his mother.*³¹ Na segunda vez em que o corpo da mãe retorna ao texto como condição da escrita, ela escreve: *I am a writer; I must play with the body of my mother. Schuyler does it; Barthes does it; Conrad does it; Ginsberg does it. Why is it so hard for me to do it? For while I've come to know my own body as a mother, and while I can imagine the bodies of a multitude of strangers as my mother (basic Buddhist meditation), I still have a hard time imagining my mother's body as my mother.*³² O corpo da mãe torna-se o local do pacto da escrita. No momento em que Nelson está contando sobre o seu parto – a sua entrada na maternidade, uma escritora-mãe brincando com o seu próprio corpo – a voz de Harry irrompe, relatando a morte da sua mãe depois de um longo câncer. Dentro da lógica de Barthes, apresentada por Nelson, Harry torna-se neste momento também escritor: *i leapt to her, to that hand. her eyes were open now, illuminated, looking up, her mouth was now closed, her face no longer tilted, akimbo. she was beautiful. and dying. her mouth was in slow-*

*motion rounding up little bits of earth air for her lungs, or just an echo of that i guess. her eyes were in light and open. she was jutting her chin in the sweetest, most dignified little coquettish juts.*³³ É também nesse momento que a relação entre felicidade e escrita deixa de ser compulsória para Harry, ao mesmo tempo em que ambos, Harry e Maggie, aprendem algo sobre a relação entre escrita e cuidado.

São várias as mães: esse é o ponto de Nelson. Brincar com o corpo da mãe na escrita, na fotografia, na universidade: indeterminar a posição-mãe, e também, por isso mesmo, resgatar a maternidade de sua domesticidade supostamente anti-filosófica, anti-erótica, anti-queer. Falando sobre a exposição fotográfica *Puppies and Babies*, da artista A.L Steiner, Nelson afirma que o que torna aqueles sujeitos fotografados queer não é a sua identificação, *but it doesn't matter: the installation queers them. By which I mean to say that it partakes in a long history of queers constructing their own families—be they composed of peers or mentors or lovers or exlovers or children or non-human animals—and that it presents queer family making as an umbrella category under which baby making might be a subset, rather than the other way around. It reminds us that any bodily experience can be made new and strange, that nothing we do in this life need have a lid crammed on it, that no one set of practices or relations has the monopoly on the so-called radical, or the so-called normative.*³⁴ Entre o radical e o normativo existe o cotidiano e a necessidade de buscar e criar condições. Tanto a leitura quanto a escrita figuram como tracejados de parentescos possíveis. Nelson conta que sua orientadora, lésbica, não partilhava de sua noção de que o pessoal é político, *she made it very clear that she felt no kinship*³⁵, muitos anos depois, porém, ela passa a escrever autobiograficamente. Essa virada comove Nelson, as linhagens tornam-se imprecisas, as heranças podem ser passadas também dos mais novos aos mais velhos – dentro desse escopo mãe é quem conta dos riscos, mas principalmente das possibilidades. *And many-gendered mothers of the heart say: Just because you have enemies does not mean you have to be paranoid. They insist, no matter the evidence marshaled against their insistence: There is nothing you can throw at me that I cannot metabolize, no thing impervious to my alchemy.*³⁶ Viver de modo queer, embora para muita gente possa ainda não parecer assim, não é algo que se faz só – a interação é a condição da alquimia – uma posição relacional, entre relações atribuídas e escolhidas, entre o queer invertido pela norma e o queer que inverte a pergunta. Em *The Argonauts*, falar da parte queer já é falar do outro, da outra, dos outros; é escrever simbioticamente. É escrever sobre e com Harry, mas é também escrever sobre e com quem escreveu antes. A expressão *many-gendered mothers of my heart* vem de um poema de Dana Ward, “A Kentucky of Mothers”. À medida que Ward tece uma linhagem matriarcal, o sentido de mãe vai perdendo os seus alicerces, vai embalando outros cantos – a palavra mãe, então, dissociada de qualquer figura necessariamente feminina, resta como um eco de um modo de partilha que se opõe à lógica da herança patriarcal. “*But is ‘mother of’ precise? / Should I say ‘singers of’ instead? ... Is it good to call these others as my moms the way I have? Is it care, & if it is have I gave honor in my song?*”³⁷

Notas

- 1 “Você já escreveu sobre todas as partes da sua vida menos essa, menos a parte queer, você disse. Me dá um tempo, respondi. Não escrevi sobre ela ainda.” [Todas as traduções de *The Argonauts* foram retiradas da edição brasileira, *Argonautas* (2017), traduzida por Rogério Bettoni.]
- 2 “que é feliz se identificando como *butch* que toma T”
- 3 “Ouvir a expressão “casamento entre pessoas do mesmo sexo” sendo repetida a torto e a direito me deixa irritada principalmente porque não conheço muito queers (talvez não conheça nenhum) que considerem a principal característica de seu desejo como sendo o “mesmo sexo”. É verdade que muitos dos escritos lésbicos na década de 1970 falavam sobre se excitar, e até sobre se transformar politicamente, pelo encontro com o mesmo. Esse encontro era, é e pode ser importante, pois nele vemos refletido tudo o que foi ultrajado, nele trocamos por desejo e cuidado o que era alienação ou repulsa interiorizada. Dedicar-se à boceta de outra pessoa pode ser um meio de se dedicar à sua própria. Mas qualquer identidade que eu tenha notado nas minhas relações com mulheres não é a identidade entre os genitais. Em vez disso, é o entendimento comum e opressor do que significa viver no patriarcado”.
- 4 “uma de minhas alunas disse algo muito bonito. Ela disse, “Eu acho que o ato de se rotular tem as suas partes ruins, mas é também uma forma de não se sentir tão partida”. E eu pensei: é uma maneira meio perfeita de colocar isso em palavras”. [Tradução minha.]
- 5 “mas nenhuma dessas fórmulas quer dizer que o objeto em questão é incolor.”
- 6 “Chamar a pessoa que fala de *identitária*, então, serve como ótima desculpa para não a ouvir, e quem ouve, nesse caso, pode retomar o papel de quem fala como escritor ou escritora. Em seguida saltamos para mais uma conferência cuja ideia fundamental é apresentada por Jacques Rancière, Alain Badiou, Slavoj Žižek, na qual podemos refletir sobre o Si-Mesmo e o Outro, enfrentar a diferença radical, exaltar o caráter decisivo do Dois e humilhar os identitários rudimentares, todos aos pés de um outro homem branco que dita regras de cima do púlpito, assim como temos feito há séculos.”
- 7 “Se existe uma coisa que a homonormatividade revela, essa coisa é o fato perturbador de que *você pode ser vitimado, mas de jeito nenhum ser radical; isso acontece com muita frequência entre homossexuais, assim como em todas as outras minorias oprimidas.*”
- 8 “Para esclarecer a questão, somos a favor de celebrar o comportamento homossexual em seu contexto apropriado: o casamento. [...] Estamos de acordo com as normas já declaradas da Biola, de que o sexo antes do casamento é pecaminoso e não se enquadra no plano de Deus para os seres humanos; acreditamos que essa norma também se aplica aos homossexuais e outros membros da comunidade LGBTQ.”
- 9 “Quanto mais eu penso na declaração doutrinária do Biola Underground, mais percebo que sou a favor de que grupos particulares e consensuais, formados por pessoas adultas, convivam juntos da maneira como bem entenderem. Se esse conjunto específico de adultos não quer fazer sexo fora do “casamento bíblico”, para mim tanto faz. No fim das contas, foi *esta* frase que me deixou acordada à noite: “Modelos inadequados da origem [do universo] sustentam que (a) Deus nunca interveio diretamente na criação da natureza e/ou (b) os seres humanos compartilham uma ancestralidade física comum com formas primitivas de vida”. Nossa ancestralidade compartilhada com formas primitivas de vida é sagrada para mim. Recusei o convite. Eles colocaram no meu lugar um “guru da escrita” de Hollywood.”
- 10 “Existe alguma coisa inerentemente queer na gravidez em si, na medida em que ela altera

profundamente o nosso estado “normal” e gera uma intimidade radical com – e uma alienação radical do – nosso corpo? Como uma experiência tão profundamente estranha, maluca e transformadora também pode simbolizar ou representar a conformidade suprema? Ou seria essa apenas mais uma forma de desqualificar do termo privilegiado (nesse caso, a não conformidade, ou a radicalidade) tudo que está ligado muito intimamente ao animal fêmea? E quanto ao fato de Harry não ser nem macho nem fêmea?”

11 “as mães-de-muitos-gêneros do meu coração”

12 “a dádiva, então, quando dada, produz naquele que a recebeu o endividamento e demanda um retorno infinito. A heterossexualidade é imaginada como o futuro da criança na medida em que a heterossexualidade é idealizada como uma dádiva social e até mesmo com a dádiva mesmo da vida. A dádiva se torna herança: o que já está dado ou pré-dado. A heterossexualidade se converte em uma herança social e familiar por meio das exigências infinitas de que a criança pague a dívida da vida com a sua vida. A criança que recusa a dádiva, portanto, passa a ser vista como uma dívida má, como ingrata, como a origem de sentimentos ruins.” [Tradução minha.]

13 “É porque o mundo está infeliz com o amor queer que queers se tornam infelizes, porque o amor queer é a causa de infelicidade para os outros a quem amam, com quem dividem o seu lugar de residência. Não é que queers se sintam tristes ou miseráveis desde o princípio. A infelicidade queer não nos oferece um princípio. Alguns sujeitos podem parecer tristes ou miseráveis, ou podem vir a estar tristes ou miseráveis, porque se percebe neles a ausência daquilo que causa a felicidade, e se atribui a eles, em função dessa falta, a causa da infelicidade.”

14 “Ouvi dizer que, nos tempos áureos, Rita Mae Brown tentou convencer outras lésbicas a abandonarem os filhos para se juntar ao movimento. Mas, em termos gerais, até nos círculos separatistas mais radicais, lésbicos ou feministas, sempre houve crianças por perto (Cherríe Moraga, Audre Lorde, Adrienne Rich, Karen Finley, Pussy Riot... a lista é imensa). No entanto, em vez de enfraquecer o advento de todos os tipos de parentalidade queer, o binário desgastado que coloca *feminilidade, reprodução e normatividade de um lado, e masculinidade, sexualidade e resistência queer de outro* atingiu certa apoteose recentemente, muitas vezes se colocando como posição derradeira e desesperada tanto contra a homonormatividade como contra a heteronormatividade”

15 “como se tudo que nos restasse fosse sentar e observar, enquanto os injustificadamente ricos e gananciosos estraçalham nossa economia, nosso clima e nosso planeta, vociferando o tempo todo o quanto as baratas ciumentas são sortudas em catar as migalhas que caem do seu banquete.”

16 “uma revolução da infelicidade pode requerer um movimento oposto ao da casa; requereria não legitimar mais relações, mais casas, ainda mais mesas, mas deslegitimar o mundo que hospeda alguns corpos e outros não. A energia política de queers infelizes pode depender de não estar em uma casa.”

17 “a parte subversiva daquilo que ela documenta, para mim, é a estrutura da “casa”, onde existem “mães” e “crianças”, e novos sistemas de parentesco, que imitam arranjos de parentesco nucleares-familiares, mas também os deslocam, e os recontextualizam radicalmente de uma maneira que constitui uma reconsideração do parentesco, ou que transforma o parentesco em uma noção de comunidade estendida - uma cujas formas futuras não podem ser plenamente ditadas. O que é uma “casa”? Uma “casa” são as pessoas com que se “anda”. Eu amo isso de ser uma casa. Acho que é uma tremenda rearticulação subversiva da casa e de seus atributos.”

18 “a peça propõe, dentre outras, duas questões: por um lado, se é possível haver parentesco - por

parentesco não me refiro à “família” em alguma forma específica - sem o apoio e a mediação do Estado e, por outro, se o Estado pode existir sem a família como seu ponto de apoio e mediação. E, ainda, quando o parentesco acaba representando uma ameaça à autoridade do Estado e o Estado inicia um combate violento contra o parentesco, será que esses próprios termos podem sustentar a independência de um em relação ao outro?” [Tradução retirada de *O clamor de Antígona* (2014), tradução de André Cechinel.]

19 “a rigor, minha pergunta é: será que o tabu também pode se tornar a base para uma aberração socialmente sustentável do parentesco, em que as normas que regulam os modos legítimos e ilegítimos de relação entre parentes possam ser redefinidas de forma mais radical?” [Idem.]

20 “Todos deveríamos ficar satisfeitos com esse gesto aparentemente generoso, através do qual o perverso é anunciado como essencial à norma. O problema, a meu ver, é que o perverso permanece sepultado justamente aí, como uma característica essencial e negativa da norma, e a relação entre os dois permanece estática, sem possibilitar rearticulação alguma da própria norma.” [Idem.]

21 “Qual será o legado de Édipo àqueles formados nessas situações em que as posições são pouco claras, em que o lugar do pai aparece disperso, em que o lugar da mãe é multiplamente ocupado ou deslocado, em que o simbólico em sua estase já não se sustenta?” [Idem.]

22 “Irene foi a sua melhor amante. Como eu já disse para muitas pessoas: Irene podia fazer uma pedra gozar. Ela era realmente incrível.” [Tradução minha.]

23 “não me é nativa nem estrangeira”

24 “Durante a escrita de *By Hook or By Crook*, seu filme sobre a amizade entre duas lésbicas masculinizadas – duas *butches* –, você e Silas Howard decidiram que os personagens se tratariam por “ele”, mas que no mundo lá fora, na sociedade e entre autoridades, as pessoas as tratariam por “ela”. Não é que seria tudo perfeito se o mundo soubesse adequadamente o pronome que os personagens prefeririam. Porque se as pessoas de fora os tratassem usando “ele”, seria um tipo diferente de “ele”. As palavras mudam de acordo com quem as fala; não há remédio para isso. Não basta introduzir palavras novas (*boi, cisgênero, andro-fag*) e começar a reificar seus significados (embora nisso obviamente exista poder e pragmatismo). É preciso também prestar atenção à multiplicidade de usos possíveis, de contextos possíveis, as asas com que cada palavra pode voar. Como quando você sussurra *Você é só um buraco, deixa eu te encher inteira*. Como quando eu digo *marido*.”

25 “Como um livro pode ser livre expressão e negociação ao mesmo tempo?”

26 “Não interessa – por que você não pode escrever alguma coisa que represente a mim, a nós, a nossa felicidade?”

27 “Porque ainda não entendo a relação entre escrita e felicidade, ou escrever.”

28 “sim, claro, “gay” [feliz] é ótimo. Tem o seu lugar. Mas quando muitas lésbicas e homens gays acordamos pela manhã nos sentimos bravos e com nojo, não gays [felizes]. Então decidimos nos chamar de queer.” [Tradução minha.]

29 “Não Gay como Feliz/Queer como Fodam-se vocês.” [Tradução minha.]

30 “Há muito que entendo de loucos e reis; há muito que entendo de se sentir real. Há muito tive sorte suficiente para me *sentir* real, não importa o quanto eu tenha sido diminuída ou quantas depressões eu tenha enfrentado no caminho. E há muito entendo que *o momento de orgulho queer é a recusa de sentir vergonha por testemunhar o outro com vergonha de você*.”

31 “O escritor é alguém que brinca com o corpo da mãe.”

32 “Sou escritora; devo brincar com o corpo da minha mãe. Schuyler brinca; Barthes brinca; Conrad brinca; Ginsberg brinca. Por que para mim é tão difícil? Porque embora eu tenha conhecido meu próprio corpo como mãe, e embora possa pensar no corpo de uma multidão de estranhas como sendo minha mãe (meditação budista básica), ainda tenho dificuldade de imaginar o corpo da minha mãe como minha mãe.”

33 “*dei um salto até ela, visando aquela mão. agora ela tinha os olhos abertos, iluminados, voltados para cima; boca fechada, rosto descontraído, cotovelos dobrados. ela estava linda. e morrendo. os lábios moviam-se em câmera lenta aspirando pequenas porções de ar, ou talvez fosse só um eco disso. os olhos estavam luminosos e abertos. ela projetava o queixo na mais doce e respeitável das saliências*”

34 “mas não importa: a instalação os torna queers. Estou querendo dizer que ela participa de uma longa história de queers que constroem suas próprias famílias – sejam elas compostas de pares ou mentores ou amantes ou ex-amantes ou crianças ou animais – e que apresenta a construção familiar queer como uma categoria abrangente da qual a procriação pode ser uma subcategoria, e não o contrário. Ela nos lembra que qualquer experiência corporal pode se tornar nova e estranha, que nada do que fazemos na vida precisa necessariamente ser escondido, que nenhum conjunto de práticas ou relações detém o monopólio do que é dito radical ou do que é dito normativo.”

35 “ela deixou bem claro que não tinha nenhuma afinidade” [A tradução mais literal seria que ela não sentia nenhum parentesco]

36 “E essas mães-de-muitos-gêneros-dizem: *Só por você ter inimigos não significa que tenha de ser paranoica. Elas insistem, não importa quantas provas existam contra elas: Não existe nada que você atire em mim que eu não possa metabolizar, nada é impermeável à minha alquimia.*”

37 “Mas ‘mãe de’ é preciso? / Ou eu deveria dizer ‘cantoras de’? [...]. Tudo bem chamar essas outras de minhas mães como tenho chamado? É prudente, & se o for, prestei homenagem com meu canto?”

Recebido em: 20 de setembro de 2017

Aceito em: 03 de fevereiro de 2018